



Carlos Chagas

POLÍTICA

Mensagem, fim do otimismo

Começa mal o ano político. Depois da revogação do AI-5, do restabelecimento da liberdade de imprensa, da anistia, do prestígio dos partidos, pela quebra do bipartidarismo, e da volta às eleições diretas de governador - malgrados alguns percalços, como o adiamento das eleições municipais de 80 e o arquivamento das prerrogativas do Congresso - o mínimo a esperar seria a permanência do clima otimista gerado pela abertura. Nova lei dos Estrangeiros, outra tentativa pelas prerrogativas, articulações gerais em torno do pleito de 1982, para o Congresso, as Assembléias, os governos estaduais e as prefeituras.

Infelizmente, conhecida a mensagem do presidente João Figueiredo, ao Congresso, domingo passado, com que nos deparamos, senão as mesmas posturas e ameaças de sempre, retiradas no fundo do baú do processo revolucionário? S.Exa. falou em diálogo, é verdade, mas para completar que se ele não for possível, ficará a abertura a depender do futuro. E a que diálogo se referiu, senão aquele canhestro, do lobo com o cordeiro, ou da guilhotina com o pescoço? Diretamente, e, depois, acolitado por seus porta-vozes, deu a tônica do que será o ano político: ou as oposições aceitam "dialogar" ou ninguém responde mais por nada. "Dialogar", no caso, quer dizer aceitar os ucasses do trono, ceder às imposições palacianas, deglutir sapos de dimensões paquidérmicas, como as "reformas" eleitorais previstas para o segundo semestre. Equivale dizer: voto distrital, sublegenda para todos os níveis, vinculação completa de votos, tudo deve ser examinado, meditado e, afinal, votado pelo Congresso. Senão... Senão ninguém responde pela democratização. Nem o presidente, que a todos surpreendeu com suas dúvidas.

Convenhamos, assim não dá. ou, pelo menos, começa mal o ano político, porque, no fundo de tudo, repousa uma constante inaceitável, a não ser pela força: os detentores do poder, para não perdê-lo, precisam mudar processos e mecânicas eleitorais, como os vêm fazendo há dezessete anos. E para não correrem riscos, põem em risco toda a estrutura que eles mesmos erigiram. A égide deste infeliz 1981, pode resumir-se: para salvar a abertura, compenetre-se as oposições de que não poderão vencer em 1982, especialmente formar maioria na Câmara e no Senado ou seja, garantir com dois anos de antecipação o eleitorado indireto que indicará o sucessor do general João Figueiredo. Simples, não parece? Como, também, amargo e infeliz...

(Carlos Chagas).